UBUNTU E INICIATIVAS FEMINISTAS AFRICANAS

Naentrem Manuel Oliveira Sanca [1], Bas'ilele Malomalo [2]

RESUMO

Esse trabalho pertence ao macro projeto intitulado “Ubuntu/Bisoidade como projeto alternativo de sociedade diante da crise social, econômica, jurídico-política e ambiental do modelo desenvolvimentista ocidental: um olhar a partir da América Latina da África”. Fundamentando-se nas epistemologias do Sul subalterno compreende que os conhecimentos se produzem nos espaços acadêmicos e não acadêmicos. Sendo estes, lugares de construção de saberes, políticas, valores e estéticas. Nesse contexto é que esse trabalho tem por objetivos de apresentar a relação entre o pensamento do matriarcado de Oyewumi e Amadiume com a filosofia do Ubuntu; e destacar alguns elementos de convergência entre esses pensamentos com três iniciativas feministas africanas: três associações africanas: Ondjango Feminista, A WLSA Moçambique e revista Janda. Para tanto, emprega-se a pesquisa bibliográfica, documental e Avaliação de Quinta Geração (MALOMALO, 2017). Ramose (2002), Adesina (2012), Oyewúmi (2004), Amadiume (1997), Zingwu (2001) auxiliam no sentido a problematizar os temas de Ubuntu, feminismo do/com foco no matriarcado e gênero.

Palavras-chave:

Ubuntu. matriarcado. feminismo.

[1] Unilab, IHL, Discente, e-mail: naentremsanca@gmail.com
[2] Unilab, IHL, Docente, e-mail: basilele@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Esse trabalho pertence ao macro projeto, coordenado pelo prof. Bas´Ileel Malomalo, intitulado "Ubuntu/Bisoidade como projeto alternativo de sociedade diante da crise social, econômica, jurídico-política e ambiental do modelo desenvolvimentista ocidental: um olhar a partir da América Latina da África" que se fundamenta na ideia de que há um consenso entre os/as intelectuais progressistas de que o modelo do desenvolvimento capitalista levou a humanidade a uma crise global cujos efeitos se fazem sentir na vida social, econômica, política, jurídica, cultural, espiritual, estética e ambiental. Para se encontrar saídas, faz-se necessário encontrar novas formas de produção de conhecimento para se pensar um novo projeto de sociedade.

O objetivo desse trabalho é de apresentar a relação entre o pensamento do matriarcado de Oyewumi e Amadiume com a filosofia do Ubuntu; e destacar alguns elementos de

convergência entre esses pensamentos com três iniciativas feministas africanas: três associações africanas: Ondjango Feminista, A WLSA Moçambique e revista Janda.

Assumimos a definição do feminismo como um movimento plural, político e científico construído por mulheres para defender seus direitos e do cosmo. Com essa definição defendemos a anterioridade histórica do feminismo africano (AFRICAN FEMINIST FORUM, 2006); e compreendemos que trabalhos de mulheres africanas, que não aceita a qualificação de feminista, são feministas dentro da definição da nossa proposta teórica. Ademais, usamos, por razões analíticas, os termos feminismo "do/com foco no" matriacardo (matriarcachy) e feminismo "do/com foco em gênero" para delinear duas correntes do feminismo existente no continente africano (ZENGWU, 2001; ADESINA, 2012).

METODOLOGIA

As epistemologias do Sul subalterno partem do princípio de que os conhecimentos se produzem nos espaços acadêmicos e não acadêmicos. Sendo estes, lugares de construção de saberes, políticas, valores e estéticas. Para a execução deste trabalho, participei dos encontros de formação sobre a coleta de dados mediante a pesquisa bibliográfica, documental e o uso da avaliação de quinta geração (MALOMALO, 2017). A pesquisa bibliográfica pautou-se na realização de seleção, leitura e fichamento de textos (livros e artigos). A pesquisa documental inicialmente focou na visitação de sites de 10 associações feministas africanas e afrobrasileiras. Ao longo da pesquisa, decidiu-se focar somente nas organizações africanas e reduziu-se o número para três. A complexidade e novidade do tema tratado, além de falta de recursos materiais levou-nos a praticar uma pesquisa exploratória.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Oyèronké Oyèwúmi (2004) escreve que hoje estudiosas feministas são a mais importante circunscrição com foco em gênero e a fonte de muito conhecimento sobre as mulheres e hierarquias de gênero. Como resultado de seus esforços, o gênero tornou-se uma das categorias analíticas mais importantes na empreitada acadêmica de descrever o mundo e tarefa política de prescrever soluções. Distinções de gênero são fundantes do estabelecimento e funcionamento deste tipo de família. Assim, o gênero é o princípio organizador fundamental da família, e as distinções de gênero são a fonte primária de hierarquia e opressão dentro da família nuclear. Da mesma forma, a mesmice de gênero é a principal fonte de identificação e solidariedade neste tipo de família. Assim, as filhas se auto-identificam como mulheres com sua mãe e irmã. A família Iorubá tradicional pode ser descrita, para Oyewumi, como uma família não-generificada. É não-generificada porque papéis de parentesco e categorias não são diferenciados por gênero. Então,

significativamente, os centros de poder dentro da família são difusos e não são especificados pelo gênero. Porque o princípio organizador fundamental no seio da família é antiguidade baseada na idade relativa, e não de gênero, as categorias de parentesco codificam antiguidade, e não gênero. Antiguidade é a classificação das pessoas com base em suas idades cronológicas. Daí as palavras egbon, referente ao irmão mais velho, e aburo para o irmão mais novo de quem fala, independentemente do gênero. O princípio da antiguidade é dinâmico e fluido; ao contrário do gênero, não é rígido ou estático. A família Iorubá tradicional pode ser descrita como uma família não-generificada.
Outra estudiosa que advoga pelo paradigma do feminismo do matriarcado é Amadiume, para quem:
«Diop foi mais longe, argumentando que o matriarcado é a base da nossa unidade cultural africana. É, de fato, essa história, essa cultura que é manipulada em nossa nacionalista retórica quando clamamos por paz, amor e unidade, em oposição à violência. Referimo-nos às compulsões morais de amor e unidade baseadas no espírito da maternidade comum quando dizemos nossa pátria ou mãe África.
Estamos, portanto, construindo uma identidade coletiva de consciência baseada num matriarcado, apesar de nossas divergências e contradições. » (AMADIUME, 1997, p. 23, nossa tradução).

O matriarcado, portanto, é um dos sistemas culturais africanos que convive com o patriarcalismo. Diferente desse, conforme Amadiume (1997), valoriza a maternidade, a mulher como fonte e zeladora da vida humana, da comunidade e do cosmos. Assenta-se nos valores de paz, amor e não na violência. Prega alianças entre homens e mulheres. Por tanto, a solidariedade é a sua base de estrutura.
A partir do referencial teórico apresentado, fizemos uma pesquisa exploratória de algumas associações africanas e percebemos que as produções giram entre a perspectiva de um feminismo que foca no gênero como categoria analítica, na mulher (maternidade, matriarcado) e/ou em uma terceira que aproxima essas duas perspectivas. Apresentamos a seguir algumas associações analisadas: O “Ondjango Feminista” é um colectivo feminista autónomo de activismo e educação em prol da realização dos direitos humanos de todas as mulheres e meninas em Angola, advogando por uma agenda feminista transformadora a partir de uma perspectiva de justiça social, solidariedade e liberdade. A sua história começou em Junho de 2016, quando 8 mulheres se reuniram naquele que ficou conhecido como o primeiro encontro mensal do Ondjango Feminista. Estas mulheres são consideradas membras fundadoras do Ondjango Feministas os seus nomes são (em ordem alfabética): urea Mouzinho, Cecília Kitombe, Delma Monteiro, Florita Telo, Luzolo Feliz, Nininha Cunha, Sizaltina Cutaia e Xano Maria. A sua visão é a construção de uma sociedade angolana mais justa para as mulheres e livre de todas as formas de opressão e exploração patriarcal. (Ondjango Feminista. Disponivel em: https://www.ondjangofeminista.com/quemsomos/. 30 nov. 2017). Ondjango oscila entre o feminismo de gênero e do matriarcado. Chegamos a essa conclusão pelas nossas conversas informais como uma integrante e algumas publicações que faz.
A WLSA (Women and Law in Southern Africa Research and Education Trust) é uma organização não governamental regional (ONG), que faz pesquisa sobre a situação dos direitos das mulheres, em sete países da África Austral: Botswana, Lesotho, Malawi, Moçambique, Swazilândia, Zâmbia e Zimbabwe (http://www.wlsa.org.mz/visao-e-missao-da-wlsa/). A WLSA Moçambique define-se como uma organização feminista, o que significa que: Reconhece que existe presentemente na sociedade uma situação de injustiça, na qual as mulheres têm menos possibilidades de usufruir dos seus direitos de cidadania, menos acesso aos recursos e às instâncias de decisão; explica essa situação de desigualdade através de uma
teoria das relações sociais de género que toma em consideração a dimensão de poder nas relações entre mulheres e homens, estruturadas no âmbito de sistemas de dominação patriarcal; e procura agir em defesa da igualdade de género, tendo em conta que a mudança só pode ser efectiva se se abalem as estruturas de poder patriarcais que garantem e reproduzem a subordinação das mulheres. Sendo assim, a WLSA define como sua visão uma sociedade com mais justiça sociedade com mais justiça social e igualdade, estando comprometida com a defesa dos direitos humanos em geral. Pretende contribuir para a construção de um mundo com menos assimetrias, onde ninguém seja excluído em função do sexo, da raça, da etnia ou da religião, e em que cada indivíduo tenha acesso ao usufruto dos seus direitos como cidadão ou cidadã. A WLSA assume a categoria de gênero como instrumento analítico.
Trabalhávamos com a hipótese de que a Jenda: Uma Revista de Cultura e Estudos sobre as Mulheres

Africanas (https://www.jendajournal.com) fosse da linha do feminismo do matriarcado pelo fato de ter entre suas assessoras editorias a teórica crítica africana, Oyewumi. Na nossa surpresa o que percebemos é que guarda uma postura crítica sobre a categoria de gênero e estudos sobre mulheres africanas feitas pelas estudiosas brancas. Em outras palavras, conforme, Nzegwu (2001), valoriza estudos sobre mulheres africanas quando essas são tratadas como sujeitos culturais; recebe propostas que trabalham a partir de gênero quando essas não se limitam a tratar somente as relações entre homens e mulheres. O que ela quer mesmo é abordar as diversas experiências de mulheres africanas levando sempre em conta os contextos culturais, econômicos e sociais do continente, de cada etnia e nação. O elemento racial é igualmente valorizado para a produção de estudos sobre mulheres africanas inseridas nos contextos racializados do Norte e do Sul.

CONCLUSÕES

O que percebemos é que a corrente do feminismo do matriarcado, que é muito aceita na Janda, e a outra corrente de gênero, que aparece de forma explícita em WLSA, não se excluem. São duas facetas de estudos de mulheres africanas feitas por mulheres e feministas africanas que levam a sério as experiências culturais dessas mulheres. As duas abordagens se complementam e são críticas contra o feminismo hegemônico euroamericano e contra o patriarcado. Conversando com uma discipula e amiga à Oyewumi descobrimos que ela não se classifica como feminista. De qualquer forma, nós a consideramos como feminista do matriarcado ou matrilinearidade pela crítica emancipatória que traz seus trabalhos

AGRADECIMENTOS

agradeço ao Prof. Dr. Bas´Ilele Malomalo, coordenador e orientador do trabalho e a todos colaboradores

REFERÊNCIAS

AFRICAN FEMINIST FORUM. The Charter of Feminist Principles for African Feminists. Accra, 15 a 19 de novembro de 2006. Disponível em: . Acesso em 15 set. 2018.

ADESINA, Jimi. Prática da sociologia africana : Lições de endogeneidade e género na academia. In: CRUZ e SILVA, Teresa, COELHO, João Borges; SOUTO, Amélia Neves. Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas ; (Textos do Colóquio em Homenagem a Aquino de Bragança). Dakar, CODESRIA, 2012. pp. 195-210.

AMADIUME, Ifi. Reiventing Africa: Matriarchy, religion and culture. 2th. Ed. London/New York: Zed Book, 1997.

MALOMALO, Bas´Ilele. Repensar o multiculturalismo e o desenvolvimento no Brasil: políticas públicas de ações afirmativas para a população negra (1995-2009). Volume 1 – Porto Alegre: Editora FI, 2017.

NZEGWU, Nkiru . Globalization and the jendajournal. Jenda: A Journal of Culture and African Women Studies: 1, 2001, , p. 1-9.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist

Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8. Traduzido por Juliana Araújo Lopes. Disponível em:. http://filosofia-africana.weebly.com/textos-africanos.html. Acessado em: 10 abril 2017.

RAMOSE, Mogobe. A ética do ubuntu. Tradução para uso didático de : RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.